

Comunicação Comunitária na Internet: A cobertura do Capão Atento durante a pandemia de Covid-19¹

Thainá Queiroz Alves

Introdução

A última década é marcada pela emergência das novas tecnologias de comunicação e informação, uma vez que possibilitaram a disseminação de redes sociais virtuais e o uso de dispositivos móveis, permitindo que pessoas comuns difundissem conteúdos a respeito de suas vidas, experiências, interesses etc., através de narrativas e opiniões próprias aliadas às interações sociais no ambiente virtual. Assim, as redes sociais virtuais surgem como plataformas de interação e conectividade entre pessoas, sendo possível a troca de mensagens instantâneas e compartilhamento de conteúdo.

O advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. A mais significativa, para este trabalho, é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros. (RECUERO, 2009, p. 22)

De acordo com o relatório divulgado pelo Cetic², Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, o Brasil alcançou 134 milhões usuários na internet (74%), em que nota-se a presença de internet em 50% dos domicílios na área rural e entre as classes sociais D e E. A pesquisa aponta, similarmente, que o celular é o dispositivo mais usado para conexão, atingindo cerca de 99% dos usuários, em que 58% deles acessam a internet somente pelo celular.

Segundo o mesmo relatório elaborado pelo Cetic – sobre os hábitos de consumo na internet – 74% dos usuários assistem vídeos, programas, filmes ou séries; 72% ouvem música; e 56% lêem jornais, revistas ou notícias na grande Rede. Vale elucidar que os dois primeiros indicadores são mais comuns entre usuários da classe social A (37%). Desse modo, valendo-se de análise feita por Raquel Recuero (2009, p.27),

¹ Este artigo faz parte das pesquisas desenvolvidas no grupo de pesquisa Economia Política da Comunicação e da Cultura, registrado no CNPq.

² Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (cetic.br) - Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros –TIC Domicílios 2019

entender como os atores constroem esses espaços de expressão é também essencial para compreender como as conexões são estabelecidas. É através dessas percepções que são construídas pelos atores que padrões de conexões são gerados.

Com a maioria da população familiarizada com o uso da internet e das redes sociais virtuais para diversas atividades, os meios de difundir mídia também adaptaram-se e cada vez mais têm se ampliado. Porém, a concentração de conteúdos ainda é feita por poucos grupos empresariais dos quais continuam detentores, monopolizando a comunicação a partir de interesses específicos.

A Comunicação no Brasil, salvo raras exceções, sempre foi operada como um instrumento a serviço de interesses políticos ou econômicos, ambos na maioria das vezes concentrados no mesmo grupo empresarial e nos veículos por ele controlados. Cristalizou-se no país a ideia de que a comunicação é um negócio como outro qualquer obscurecendo no imaginário da sociedade a possibilidade da existência de alternativas. (LEAL FILHO, 2017, p. 41)

Nesse cenário, o presente artigo visa apresentar breve análise sobre as novas formas de informação, modos para pensar o local e a inserção do contexto de pandemia da Covid-19 que assolou o mundo todo baseando-se no caso do “Capão Atento”³, página presente na mídia social *Facebook*⁴ que produz notícias diariamente sobre o que ocorre no bairro do Capão Redondo, periferia localizada no extremo Sul da cidade de São Paulo, capital do estado mais desenvolvido do Brasil: São Paulo.

Do lado Sul do mapa

Capão, no dicionário, significa formação arbórea de pequenas dimensões e foi assim que o bairro se constituiu no início do século XIX. Localizado na periferia de Santo Amaro, que no período era um município pertencente ao Estado de São Paulo, o Capão Redondo já no início do século XX configurava-se como área de lazer por quem se beneficiava da extensa área verde para acampar e caçar. No entanto, nas décadas seguintes a região começa a incorporar seus primeiros habitantes fixos a partir de chácaras e pequenas propriedades sendo notável, posteriormente, adensamento habitacional excessivo e coabitação no bairro com o surgimento de grandes favelas já nos anos 1970.

Ao longo das décadas de 1970 e 1980, entretanto, a população residente nesse tipo de assentamento aumentou muito em São Paulo. Atualmente

³ <https://www.facebook.com/CapaoAtento/>

⁴ Com pouco mais de 130 milhões de perfis no Facebook, Brasil é o terceiro país no mundo com mais usuários na plataforma. Fonte: Meio&Mensagem. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/02/28/brasil-e-3a-maior-base-do-facebook.html>

as favelas são um retrato da alta prevalência de situações de pobreza e de uma política habitacional ineficaz por parte do Estado. (...) Por se tratarem de áreas problemáticas sob o aspecto da legalidade da terra e caracterizadas por uma ocupação desordenada, as favelas são normalmente locais com deficiências dos serviços de infraestrutura urbana e com oferta insuficiente de equipamentos. (SARAIVA; MARQUES, 2005)

Atualmente, o Capão Redondo ainda reflete o caráter excludente que a metrópole trajou na metade do século XX, sendo bastante comum em regiões que estão situadas fora do centro expandido, caracterizado pelos baixos indicadores sociais, infraestrutura urbana insuficientes e carências nos serviços públicos adequados. Nesse panorama surge o “Capão Atento”, resultado da proliferação de páginas de comunidades nas redes sociais virtuais simultaneamente com aspectos ativistas, a fim de preencher as demandas de informação local e reivindicar melhorias no bairro.

Em termos de gênese, esses movimentos são amplamente *espontâneos em sua origem, geralmente desencadeados por uma centelha de indignação*, seja relacionada a um evento específico, seja um acesso de aversão pelas ações dos governantes. Em todos os casos, tem origem num apelo à ação proveniente do espaço dos fluxos, que visa a criar uma comunidade instantânea de prática insurgente no espaço e lugares. (CASTELLS, 2013, p. 131).

A página “Capão Atento” foi criada em 21 de julho de 2015 e atualmente conta com 185.019⁵ seguidores e 160.332 curtidas na mídia social *Facebook*. Os idealizadores buscaram desenvolver na página uma proposta de jornalismo colaborativo, feito por moradores e alimentado pelos seguidores aos quais contribuem diariamente com o conteúdo. O editorial trata de assuntos como segurança pública, saúde, mobilidade, cultura, causas sociais e divulgação de pequenos empreendedores na região do Capão Redondo e adjacências, sem ignorar as principais notícias que acontecem na cidade de São Paulo e no Brasil.

Trazendo conteúdo com teor crítico e objetivo, a página convida o leitor a reivindicar os interesses da população local afirmando que a informação feita com qualidade fortalece a sociedade, quebra paradigmas, amplia a liberdade de expressão e, conseqüentemente, resulta em um progresso para a população. A partir desses aspectos, Cicília Peruzzo (2009) destaca:

No conjunto, a comunicação alternativa representa uma contracomunicação, ou uma outra comunicação, elaborada no âmbito dos movimentos populares e das “comunidades”, e que visa exercitar a liberdade de expressão, oferecer conteúdos diferenciados, servir de

⁵ Última verificação em: 01/09/2020

instrumento de conscientização e, assim, democratizar a informação e o acesso da população aos meios de comunicação, de modo a contribuir para a transformação social. (PERUZZO, 2009, p. 132)

Sobre essas novas formas de comunicação, Claudia Nonato (2018) afirma que por muitos anos a “periferia ficou de fora dessa busca por novas alternativas. (...) diante do monopólio que caracteriza a grande mídia brasileira, existe um silenciamento em relação a temáticas que não estão no foco de interesse de grandes grupos.” e a partir do surgimento de movimentos e coletivos presentes na própria periferia essa realidade tem sido atenuada, refletindo na valorização deste espaço e rompendo com os estereótipos reforçados pelos meios de comunicação tradicionais.

Metodologia

Em torno do que foi proposto, o artigo busca traçar uma metodologia que inclui pesquisa bibliográfica para refletir acerca da atuação das mídias comunitárias e a presença das redes sociais virtuais, articulando com compreensões em torno das interações, mediações e formação de identidade.

Para tanto, foi incluso o método netnográfico com o objetivo de estruturar análises acerca das publicações e interações entre usuários e página na mídia social *Facebook*, tendo como base teórica a compreensão de Robert Kozinets (2014):

A netnografia é pesquisa observacional participante baseada no trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal. (KOZINETS, 2014, p.62)

A análise das publicações da página foram feitas diariamente no horário noturno abrangendo o período de 17 de março, quando foi confirmado o primeiro óbito em virtude da Covid-19 no Estado de São Paulo, até 01 de setembro de 2020 com o anúncio feito pelo Presidente da República, Jair Bolsonaro, sobre a redução de 50% do valor do auxílio emergencial.

Por se tratar de uma página que detém grande número de seguidores e de publicações, por mês, foi estabelecida a verificação de 10 comentários aleatórios de cada postagem durante o período determinado a fim de mensurar as reações a partir dos comentários feitos pelos usuários na página.

Com base na observação dos comentários feitos pelos seguidores da página, constata-se a relação de credibilidade e reconhecimento social ao averiguar o vínculo de

“companheirismo” entre os mesmos e a página da mídia social, sendo esta perspectiva desenvolvida por Manuel Castells (2013, p.131): “as redes sociais horizontais, multimodais, tanto na internet quanto no espaço urbano, criam *companheirismo*. Essa é uma questão fundamental para o movimento, porque é pelo companheirismo que as pessoas superaram o medo e descobrem a esperança.”

Contudo, a categorização das publicações propôs a divisão por temas-chaves, a saber: números de casos no estado e/ou região (divulgação: Ministério da Saúde, Secretaria de Saúde do Estado e Consórcio de Veículos de Imprensa); ação local/região; medidas da prefeitura, governo do Estado e presidência; auxílio emergencial; desmentindo *fake news*; infectados, recuperados e óbitos na região; e outros (texto livre, orientação aos leitores, denúncias sobre aglomeração na região).

Esses aspectos encontrados na página demonstram as potencialidades do “Capão Atento” em constituir-se enquanto comunicação comunitária, principalmente por abarcar os anseios dos moradores da região, difundir informação e divulgar projetos sociais locais, para além do que os grandes meios de comunicação não registram, descortinando o que é a periferia. Não obstante, a atuação da página desperta a consciência social necessária para que os moradores reivindiquem melhorias.

Cobertura durante a Covid-19

No decorrer da pandemia de Covid-19, o “Capão Atento” dedicou-se a publicar informações com o objetivo de atualizar os moradores sobre o número de casos e medidas feitas por parte da Prefeitura e Governos Estadual e Federal para reduzir o avanço do vírus. A cobertura especial contou com atualizações diárias, principalmente pela falta de informações consistentes sobre a pandemia na periferia e o avanço de notícias falsas que reduziam os riscos do novo Coronavírus, contribuindo para a desinformação. Em dado momento, conforme o avanço do vírus se intensificava, a página destinou um espaço exclusivo para que os seguidores fizessem denúncias e reclamações em relação ao descumprimento de medidas de enfrentamento adotadas no Estado.

Um vírus até então desconhecido capaz de ser confundido com um resfriado comum ou mesmo causar insuficiência respiratória no paciente infectado, surgiu em

dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China.⁶ Desde esse momento, o vírus tem se proliferado exponencialmente por todo o mundo acarretando em 36.843.095 casos confirmados e 1.068.420 óbitos em virtude do novo Coronavírus.⁷

De acordo com o Ministério da Saúde, o vírus chegou em janeiro deste ano no Brasil e mesmo com medidas de contenção no início da pandemia, tais não foram suficientes para que o avanço fosse contido. Nesse momento, o país totaliza 150.198 óbitos e 5.082.637 casos confirmados, sendo o 4º com maior em letalidade da Covid-19.⁸

Como eixo temático deste artigo, o Estado de São Paulo apresenta, até o momento, 36.220 óbitos e 1.004.579 casos confirmados. No entanto, esse número triplica ao considerar as desigualdades socio-territoriais como aponta o levantamento Mapa da Desigualdade, elaborado pela Rede Nossa São Paulo⁹. Os distritos que têm alto número de óbitos por Covid-19 são localizados em favelas em razão da vulnerabilidade e pouca atenção do poder público, estimando números 3 vezes maiores que a média do Estado.

Observando-se as publicações do “Capão Atento”, é notável a preocupação dos administradores da página com a população, partindo do pressuposto que há bastante descrença por parte dos moradores sobre o contágio e as divergências entre o poder público, cientistas e a mídia tradicional, além das condições de habitação e as necessidades do cotidiano não permitirem que o isolamento fosse adotado de maneira eficaz, ao ponto de o número de óbitos por Covid-19 dobrar na região com “alta de 110% e as mortes que eram 60 até o dia 30 de abril, em 14 de maio passaram para 126 óbitos.”¹⁰ Do ponto de vista de Alessandra Possebon (2011):

Apesar de discutível, a internet mostra-se como uma possibilidade de quebrar o pensamento único sustentado pelo oligopólio da comunicação e demonstra a vulnerabilidade do atual modelo de comunicação. Um jornalismo que apesar do pouco alcance em relação à grande mídia é necessário para o enriquecimento do espaço público e

⁶ <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>

⁷ Universidade Johns Hopkins (Baltimore, EUA), autoridades locais. Números atualizados pela última vez em 8 de outubro de 2020.

⁸ <https://covid.saude.gov.br/>

⁹ <https://www.nossasaopaulo.org.br/2020/06/24/edicao-extraordinaria-do-mapa-da-desigualdade-indica-o-endereco-como-fator-de-risco-na-pan/>

¹⁰ Levantamento feito pelo portal de notícias G1 no dia 19/05/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/19/coronavirus-avanca-na-zona-sul-de-sp-e-mortes-dobram-em-7-bairros-da-regiao-parelheiros-tem-alta-de-141percent.ghtml>

para o fortalecimento de organizações políticas e sociais. (POSSEBON, 2011)

Em diversas publicações nota-se a responsabilidade social a qual a página “Capão Atento” coloca em seus editoriais, em que verifica-se numerosas publicações interativas e acentuada participação dos seguidores, estabelecendo um trabalho colaborativo. À vista disso, é possível alegar que:

(...) a rede tornou-se um espaço de debate público e, além disso, de cidadania. Uma vez que o novo contexto envolve a informação como unidade motriz de funcionamento da sociedade. Assim, ter acesso ao fluxo de informações da internet não é um luxo ou mero acréscimo à vida cotidiana, mas uma condição básica para se manter cidadania de um indivíduo. (CARVALHO; DE CARVALHO; PASSOS, 2007)

Para enfatizar a experiência de Comunicação Comunitária e a participação de seguidores na página “Capão Atento”, verificou-se interações por comentários no período determinado em que, aqui, será destacado reações que mais chamaram a atenção em publicações que obtiveram significativa repercussão.

A publicação do dia 06/06/2020 exibe o título “Governo Federal deixa de divulgar números totais da pandemia de Covid-19”, inserida no tema-chave “medidas da prefeitura, governo do Estado e presidência”, obteve grande número de reações negativas, inclusive por parte dos administradores da página que apontaram para o desrespeito a Lei de Acesso à Informação¹¹ e para a dificuldade que veículos de imprensa enfrentariam, igualmente, para a atuação do “Capão Atento” do qual utilizava dados divulgados pelo portal Coronavírus no Brasil gerenciado pelo Ministério da Saúde.

De acordo com o Governo Federal, a mudança na metodologia foi necessária pois o formato anterior não refletia o “momento do país”¹². Não obstante, a medida gerou fortes críticas em vários setores da sociedade sendo possível, também, identificar indignação por parte dos seguidores da página: “Estão querendo empurrar os corpos p debaixo do tapete? Nunca vi isto! São vidas q estão sendo perdidas dia a dia, omitindo estas informações a tendencia é aumentar os óbitos pq a população irá relaxar de vez!”. Muitas críticas também foram direcionadas aos apoiadores do presidente Jair Bolsonaro,

¹¹ Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm

¹² Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/governo-deixa-de-informar-total-de-mortes-e-casos-de-covid-19-bolsonaro-diz-que-e-melhor-para-o-brasil.shtml>

em que um outro seguidor afirmou: “A culpa não é do Bozo, todos sabiam do seu caráter repugnante. A culpa é de quem votou nele. Parabéns aos vermes que o elegeram”.

Ao observar os comentários dos seguidores da página “Capão Atento” é possível valer-se de análise feita por Pablo Bastos e Denise da Silva (2017), em que os autores indicam que:

Ao mesmo tempo em que as redes sociais servem de um canal de comunicação para movimentos que não são ouvidos pela grande mídia, também canaliza sentimentos agressivos de pessoas que estão em um ambiente virtual, algo que talvez não fizessem se suas opiniões tivessem que ser ouvidas em praça pública, como na ágora grega. Estamos construindo enquanto cidadãos e cidadãs de um mundo midiaticizado um novo paradoxo para o conceito de democracia. (BASTOS; SILVA, 2017)

Outra publicação que merece destaque é a do dia 28/05/2020 com o título “Flexibilização na capital e restrição na grande São Paulo refletem incoerência na estratégia de Doria e Covas”, também inserida no tema-chave “medidas da prefeitura, governo do Estado e presidência”. Nela, foi possível observar grande preocupação por parte dos administradores e seguidores diante da gravidade da situação, sendo elucidado os números de óbitos e infectados confirmados no Estado aos quais, naquele momento, somavam 3.319 e 54.948 casos respectivamente.

O Plano São Paulo consistiu em normas criadas por autoridades estaduais em conjunto com especialistas do Centro de Contingência da Coronavírus e com o Comitê Econômico Extraordinário. O programa conta com medidas para assegurar a população acerca da disseminação do vírus estabelecidas em cinco fases, a saber: restrição de atividades não essenciais (nível vermelho) etapas de controle (nível laranja), flexibilização (nível amarelo), abertura parcial (nível verde) e normal controlado (nível azul). Para que uma região passe de fase há a fiscalização semanal para verificação da taxa de ocupação nos leitos de UTI e o número de novas internações no período.¹³

Analisando as manifestações pelos comentários da página, é perceptível a inquietação dos seguidores em relação as medidas que o prefeito Bruno Covas e o governador João Doria têm elaborado para conter a disseminação do vírus: “Dois estão secando gelo estão preocupados com interesses políticos e o povo massificado fica no meio dessa patifaria estão dando murro em ponta de faca que Deus tenha misericórdia de nós”. Outro seguidor também afirmou: “Não sei mas dá medo, já tem um índice alto de

¹³ Fonte: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/governo-do-estado-apresenta-nova-fase-do-plano-sao-paulo/>

mortes, imagine abrindo lojas, complicado.”. Vale-se evidenciar que alguns seguidores também lembraram da falta de aplicabilidade das medidas de isolamento social em regiões periféricas do Estado: “Nunca houve quarentena efetiva nas periferias. não adianta falar que as pessoas precisam trabalhar na periferia a maioria fica passeando e lotando os mercados e as praças”. Outro seguidor também pontuou: “Vem aqui no extremo da zona sul nunca existiu quarentena lamentável”

Diante do que foi ilustrado, constata-se o que Warren Fernandez – presidente do Fórum Mundial de Editores e editor-chefe do jornal *The Straits Times* (Singapura) – declarou em entrevista no que tange a pandemia, reiterando para a necessidade em ter uma mídia confiável voltada para as comunidades e como o jornalismo local faz a diferença por conhecer as condições desse lugares. Fernandez (2020) considera que “jornalistas locais conhecem melhor suas comunidades. Eles conhecem seu povo, cultura e história. Eles investiram anos cobrindo a comunidade e entendem instintivamente o que é mais importante para ela e por quê.”

Considerações finais

O artigo busca enfatizar a importância e os desafios que esse meio de comunicação tem enfrentado, principalmente em contextos políticos, econômicos, sociais, tecnológicos diferenciados, além de verificar o conteúdo produzido pela página “Capão Atento” na mídia social *Facebook* diariamente a fim de observar tendências editoriais e seu alcance no local.

Vale elucidar o empenho dos administradores da página em conscientizar a população sobre a importância do uso de máscara e de outras medidas contra o avanço da Covid-19, pensando no caso específico proposto no artigo, como também o auxílio às demandas sociais já existentes no contexto pré-pandêmico, utilizando a página como ferramenta de prestação de serviços e espaço de discussão sobre os problemas sociais na região e no Estado de São Paulo no ambiente virtual, sendo esses elementos suficientes para caracterizar o “Capão Atento” como um meio de comunicação comunitário, do qual:

Nas experiências de caráter popular-comunitária, a finalidade, em última instância, é favorecer a autoemancipação humana e contribuir para a melhoria das condições de existência das populações empobrecidas, de modo a reduzir a pobreza, a discriminação, a violência etc., bem como avançar na equidade social e no respeito à diversidade cultural. (RECUERO, 2009, p. 134)

No momento em que emerge a desinformação na era digital, o fortalecimento da comunicação comunitária, alternativa e popular nos âmbitos *online* e *offline* é fundamental pelo seu caráter autônomo e compromisso social em lugares mais afastados do centro expandido das Regiões Metropolitanas. Não obstante, o avanço desse meio de comunicação não pode ser ignorado, pois contribui para que promova-se a democratização ao acesso à informação, a pluralidade e a diversidade cultural.

Referências bibliográficas

ACIOLI, Sonia. Redes Sociais e Teoria Social: revendo os fundamentos do conceito. *Informação & Informação*, v. 12, p. 01-12, 2007

BASTOS, Pablo N.; SILVA, Denise T. da. Análise das postagens e interações das Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo durante a greve geral de 28 de abril de 2017. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: INTERCOM, 2017.

_____. Comunicação, interação e engajamento: fronteiras epistemológicas e alcances políticos. 41 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville: INTERCOM, 2018

CASTELLS, Manuel. A transformação do mundo na sociedade de redes. In: *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CARVALHO, Angela M. G.; CARVALHO, Juliano M. de; PASSOS, Mateus Y. R. S. Inclusão digital e comunicação comunitária: desafios cognitivos na Sociedade da Informação. In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2007, Santos. Anais [...]. Santos: Intercom, 2007. p.1-15

NONATO, Cláudia. **O perfil do jornalismo das periferias de São Paulo: resultados iniciais**. In: INTERCOM, 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville–SC, 2a8/09/2018

FERNANDEZ, Warren. “A covid-19 mostrou como é vital ter uma mídia confiável”, diz presidente do Fórum Mundial de Editores. [Entrevista concedida a] Rodrigo Lopes. **Zero Hora**, Porto Alegre, 28/09/2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2020/09/a-covid-19-mostrou-como-e-vital-ter-uma-midia-confiavel-diz-presidente-do-forum-mundial-de-editores-ckfj12t7w006e016v4kb76if8.html>

FREITAS, Ricardo O. de. A periferia da periferia: mídias alternativas e cultura de minorias em ambientes não-metropolitanos. *Especiaria (UESC)*, v. 10, p. 191-214, 2008.

KOZINETS, Robert. V. *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014. 203p.

LEAL FILHO, L. Comunicação pública e comunitária: a perspectiva das novas mídias. In: Adilson Cabral; Eula Cabral. (Org.). *Comunicação, Cultura, Informação e Democracia: tensões e contradições*. 1a. ed. Ramada: Fornalpress-Publicações e Marleting Ltda., 2016, v. , p. 39-48.

MAZETTI, Henrique M. Mídia Alternativa para além da contra-informação. In: V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 de maio a 02 de junho de 2007. pag. 1-15.

NONATO, Cláudia. **O perfil do jornalismo das periferias de São Paulo: resultados iniciais**. In: INTERCOM, 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville–SC, 2a8/09/2018

PERUZZO, Cíclia M. K. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. Revista Galáxia, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009.

_____. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária. In: INTERCOM, XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–BH/MG, 2 a 6 Set 2013

POSSEBON, Alessandra. Comunicação alternativa: uma reflexão sobre jornalismo para além da grande mídia. Alterjor, São Paulo, ano 02, vol. 02, edição 04, Julho-Dezembro de 2011

SARAIVA, Camila; MARQUES, Eduardo. A dinâmica social das favelas da Região Metropolitana de São Paulo. In: Revista Pensamento e Realidade. São Paulo, Ed: Senac, 2005.

PAIVA, Raquel. Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático). Revista FAMECOS, v. 13, n. 30, p. 62-70, 14 abr. 2008.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina. 2009 (Coleção Cibercultura)